

Entre a identidade e a diferença: o essencialismo estratégico na construção do coletivo feminino negro em Conceição Evaristo

Between Identity and Difference: Strategic Essentialism in the Construction of Black Women's Collectivity in the Work of Conceição Evaristo

Rafaela Kelsen Dias
Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG)
Ouro Preto | MG | BR
rafaela.dias@ifmg.edu.br
<https://orcid.org/0000-0001-5545-3822>

Resumo: Este artigo investiga as formas de construção do coletivo feminino negro na obra *Insubmissas lágrimas de mulheres*, de Conceição Evaristo, a partir da articulação entre identidade e diferença. Tomando como ponto de partida a crítica da autora à representação histórica da mulher negra na literatura brasileira, marcada por um viés racista e sexista, analisa-se como Evaristo mobiliza um essencialismo estratégico para reconfigurar essas representações e afirmar uma coletividade feminina afrodescendente. A maternidade, a resistência e a memória compartilhada emergem como videntes fundamentais de uma experiência coletiva que, embora atravessada por desigualdades internas, não prescinde da solidariedade entre mulheres. Em diálogo com pensadoras como bell hooks e Audre Lorde, o artigo defende que, na obra de Evaristo, a diferença não é um entrave, mas o próprio fundamento da identidade coletiva. Nesse sentido, *Insubmissas lágrimas* oferece uma forma literária que tensiona o individual e o coletivo, convocando múltiplas vozes femininas negras que, ao recontarem suas histórias, criam um espaço político de enunciação e pertencimento. Assim, o texto contribui para o debate sobre os modos contemporâneos de figurar o coletivo na literatura brasileira, especialmente no que diz respeito às formas de subjetivação marcadas pela interseção entre gênero, raça e classe.

Palavras-chave: Conceição Evaristo; literatura negra; coletividade; mulher negra; essencialismo estratégico.



Abstract: This article examines the construction of Black female collectivity in *Insubmissas lágrimas de mulheres*, by Conceição Evaristo, focusing on the interplay between identity and difference. Grounded in the author's critique of the historical representation of Black women in Brazilian literature—often reduced to racist and sexist stereotypes—the study explores how Evaristo employs a strategic essentialism to reclaim and reframe such representations. Motherhood, resistance, and shared memory emerge as key elements in shaping a collective experience that, while internally diverse, affirms solidarity among women. Drawing on theorists such as bell hooks and Audre Lorde, the article argues that difference, rather than impeding unity, becomes the basis for a collective identity. Evaristo's work articulates a literary form that challenges the dichotomy between the individual and the collective, amplifying multiple Black female voices that, in narrating their lives, establish a political space of enunciation and belonging. In this way, the text contributes to ongoing discussions about contemporary forms of figuration of the collective in Brazilian literature, particularly through narratives shaped by the intersection of gender, race, and class.

Keywords: Conceição Evaristo; Black literature; collectivity; Black women; strategic essentialism.

1 Introdução¹

“A noite não adormece nos olhos das mulheres”, assinala Conceição Evaristo no título de um de seus poemas, evocando a resistência como traço constante e imprescindível na trajetória feminina rumo às esferas de poder. Já no século XXI, após tantas noites em claro, as mulheres podem inscrever em sua história conquistas significativas – da formação profissional ao livre arbítrio sobre o próprio corpo.

Contudo, apesar desses avanços, a igualdade de gênero ainda está longe de ser alcançada. A persistência da desigualdade reacende questionamentos antigos, lançados desde os primórdios do feminismo: o que podem as mulheres fazer para escapar da subalternidade? É necessária uma ação coletiva para reivindicar uma sociedade mais igualitária?

¹ Este artigo constitui adaptação de parte da dissertação de mestrado da autora, intitulada *Igual a todas, diferente de todas: a re-criação da categoria “mulher” em Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, de Conceição Evaristo, defendida no Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei, em 2015.

Essas questões, no entanto, encontram-se atravessadas por outras duas, mais profundas: sob quais condições o coletivo “mulher” se sustenta na contemporaneidade? E, a partir de quais negociações, esse conceito pode servir de base para políticas antissexistas? Considerando o papel determinante da cultura na fundação e manutenção das relações de poder (Said, 1995, p. 245), até que ponto a literatura pode refletir – e eventualmente inverter – a realidade a que remete, especialmente no que tange às relações de gênero?

Este trabalho propõe-se a refletir sobre tais questões por meio da leitura de uma das mais expressivas autoras da literatura afro-brasileira: a mineira Maria da Conceição Evaristo de Brito. Reconhecida por seu ativismo feminista e negro, sua obra revela uma sociedade estruturada por valores patriarcais, em que a inserção da mulher – sobretudo da mulher negra – ainda é limitada, seja na literatura, seja na realidade que a ultrapassa.

Esse processo de identificação entre as vivências da autora e as das personagens femininas que cria se destaca na antologia *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011). Composta por treze contos, a obra apresenta de forma recorrente a figura da mulher negra e sua luta contra as múltiplas formas de discriminação social. Ainda que gênero e raça sejam os eixos centrais da exclusão retratada, a antologia também problematiza como esses marcadores se entrelaçam a outros – como velhice, deficiência, sexualidade –, ampliando a complexidade dos sujeitos representados.

Essa exposição de múltiplas formas de exclusão, por sua vez, dialoga diretamente com as discussões atuais sobre o conceito de “mulher”. Se por um lado os contos ecoam a segunda onda feminista ao enfatizarem a solidariedade entre mulheres, por outro, não ocultam as singularidades de cada experiência feminina. Argumentamos, portanto, que a escrita de Evaristo não dissolve a categoria mulher em um conceito abstrato ou irrealizável.

Ao contrário, conforme a tese aqui defendida, *Insubmissas* aciona continuamente o conceito de mulher, embora de forma renovada. Propomos que essa categoria se sustenta como uma aliança política, por meio da qual mulheres – especialmente negras –, representantes de múltiplas comunidades, se unem em defesa de subjetividades femininas heterogêneas, mas coerentes entre si.

Para desenvolver as proposições aqui apresentadas, o estudo foi estruturado da seguinte forma: na primeira seção, discutem-se as implicações das abordagens essencialistas e estratégicas nos debates feministas e feministas negros; em seguida, analisam-se as figurações dos corpos femininos e negros na literatura nacional, com o intuito de evidenciar o gesto proposto por Evaristo em *Insubmissas*; por fim, exploram-se as formas pelas quais a autora concebe um coletivo feminino ao mesmo tempo plural e unido.

2 Entre feminismos: o essencialismo como estratégia para a diversidade

Ao revisitarmos o histórico do discurso feminista, identificamos na chamada “segunda onda”, durante a década de 1960, uma etapa fundamental para a consolidação política do movimento. Foi especialmente por meio do feminismo radical que se fortaleceu a noção de unidade entre as mulheres. À época, acreditava-se que a submissão feminina derivava principalmente da constituição biológica da mulher. Elementos corporais semelhantes, presentes em diferentes culturas, seriam usados para justificar a diferença sexual e, por conseguinte, a subjugação das

mulheres (Nicholson, 2000). Assim, ao afirmar que aquilo que unia as mulheres – o corpo, a “womanhood” – sobreponha suas diferenças, a segunda onda contribuiu para a constituição do “sujeito político coletivo – as mulheres” (Piscitelli, 2004, p. 44-45).

A partir da década de 1970, porém, essa ideia de coletividade começa a ser questionada com a formulação do conceito de gênero. No ensaio *O Tráfico de Mulheres: Notas sobre a “Economia Política do Sexo”* (1975), a antropóloga Gale Rubin propõe o sistema “sexo-gênero”, deslocando o foco da biologia para construções sociais. O gênero passa então a ser compreendido como um conjunto de práticas e discursos impostos socialmente, que estruturam o binário homem-mulher.

Essa mudança desestabiliza a concepção de um sujeito feminino unificado, ao evidenciar o caráter discursivo do conceito de mulher. Posteriormente, teóricas como Joan Scott (1985) aprofundam essa discussão ao afirmar que o gênero atribui sentidos às diferenças biológicas e regula as relações de poder associadas às noções de “masculinidade” e “feminilidade”.

Nesse mesmo contexto, o feminismo negro ganha destaque ao denunciar o elitismo e o etnocentrismo do movimento até então. A ausência de um olhar atento às opressões específicas que atravessam a experiência das mulheres negras revelou os limites do projeto feminista tradicional. A crítica de bell hooks evidencia esse ponto ao afirmar que a “ideia de ‘opressão comum’”² ocultava a complexidade da realidade social feminina (hooks, 1984, p. 44). Da mesma forma, Collins (1989) defende a necessidade de uma “consciência feminista negra”,³ capaz de abarcar essas especificidades.

A compreensão da diferença sexual como construção discursiva se aprofunda na terceira onda feminista, quando até a suposta materialidade dos sexos passa a ser questionada. Essa revisão teórica contesta a ideia de um corpo fixo sobre o qual o gênero – entendido como norma social – se inscreve. Entre as teóricas que lideram esse debate, destaca-se Judith Butler, ao argumentar que tanto gênero quanto sexo são produzidos discursivamente, e, portanto, abertos a múltiplas significações (Butler, 2003).

A fluidez e instabilidade propostas por essa nova concepção de gênero alarmaram diversos setores do feminismo. A principal preocupação diz respeito à “generalidade excessiva” (Saffiotti, 2008, p. 117) que essa abordagem impõe, ameaçando dissolver a categoria “mulher” em algo fragmentado, instável ou até mesmo inexistente. Diante disso, algumas feministas reagiram à emergência de um “feminismo sem mulheres” (Costa, 2002, p. 62-69), buscando reafirmar a importância política do sujeito feminino frente à sua possível dispersão “dentro das estruturas da linguagem e do discurso”.

Para Nelly Richard (1996), essa perspectiva teórica entra em tensão com o feminismo praticado fora do eixo norte-americano/europeu, especialmente no contexto latino-americano. Segundo a autora:

[...] as condições de exploração, miséria e opressão, das quais se vale o patriarcado para redobrar a sua eficácia a fim de tramar a desigualdade na América Latina nos exigiriam, segundo muitas feministas, **mais ação que discurso, mais compromisso**.

² No original: “The idea of ‘common oppression’”

³ No original: “black feminist consciousness”.

missão político que suspeita filosófica, mais testemunhos de denúncia que arabescos desestrutivos (Richard, 1996, p. 3, grifo nosso, tradução nossa)⁴

Diante dessa urgência, emergiu nas últimas décadas do debate feminista uma “nova ênfase na utilização da categoria mulher” (Piscitelli, 2004, p. 43). Entre os textos que expressam essa tendência, destaca-se o ensaio *Interpretando o Gênero*, de Linda Nicholson. A autora, no entanto, não propõe um retorno à fixidez do sujeito feminino, mas uma “recriação” da categoria (Piscitelli, 2004, p. 60). Nicholson reconhece que certos marcadores corporais são utilizados de modo recorrente em diferentes culturas para sustentar a diferença sexual, mas defende a necessidade de destacar os contextos em que tais arquétipos não se aplicam.

Nesse sentido, o termo “mulher” passa a ser constantemente reconstruído, deslocando-se de definições universais para formulações situadas: “propostas sobre mulheres em contextos específicos” substituem as generalizações sobre “mulheres como tais” ou “em sociedades patriarcais” (Nicholson, 2000, p. 26). Essa abordagem exige compreender o feminismo como uma política de coalizão, capaz de reunir grupos distintos em torno de interesses compartilhados. Assim, a noção de mulher, entendida como “sentido capaz de ilustrar o mapa de semelhanças e diferenças que se cruzam” (Nicholson, 2000, p. 37), não ameaça a coesão do grupo, mas:

nos [posicionaria] nas regiões de formações histórico-discursivas, onde a história de uma categoria deve ser compreendida à luz da história de várias outras categorias (classe, raça, etnia, sexualidade, nação, entre outras). (Costa, 2002, p. 72)

Essa concepção não é inédita: teóricos e ativistas já reivindicavam um feminismo plural antes mesmo de Nicholson. A ex-escravizada Sojourner Truth, por exemplo, em seu célebre discurso de 1851, desafiava a concepção universal de “identidade feminina”: “Olhem para mim! Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia me superar. E não sou uma mulher?” (Truth, 1851, tradução nossa).⁵

Décadas depois, Teresa de Lauretis reafirma essa pluralidade ao cunhar o conceito de “diferença essencial”, referindo-se à diversidade teórico-política do feminismo e à heterogeneidade das mulheres que compõem ou recebem seu discurso. O reconhecimento da diversidade no interior do próprio feminismo é condição para a inclusão de vozes historicamente marginalizadas – em especial, as mulheres negras. Para esses grupos, a legitimação das diferenças nos mesmos espaços que definem o signo “mulher” é o único caminho para uma aliança efetiva:

Certamente há entre nós reais diferenças étnicas, etárias e sexuais. Mas não são essas diferenças entre nós que nos estão separando. É antes a nossa recusa a reconhecer essas diferenças, e a examinar as distorções que resultam ao não nomear-

⁴ No original: “las condiciones materiales de explotacion, miseria y opresion, de las que se vale el patriarcado para redoblar su eficacia en tramar la desigualdade en America Latina nos exigiria, seguin muchas feministas, mas acci6n que discurso, mas compromiso politico que sospecha filosofica, mas denuncia testimonial que arabescos desconstructivos.”

⁵ No original: “Look at me! Look at my arm! I have ploughed and planted, and gathered into barns, and no man could head me! And ain’t I a woman?”

mos corretamente a elas e aos efeitos das mesmas sobre os comportamentos e expectativas humanos. (Lorde, 1984, p. 115, tradução nossa)⁶

Esse cenário de debates nos conduz, inevitavelmente, à reflexão sobre a interrelação entre diferentes esferas de opressão. Trata-se de uma discussão já consolidada nos estudos sobre minorias, mas que atualmente ganha novo fôlego com a teoria da interseccionalidade, a qual oferece uma perspectiva singular sobre as relações raciais e de gênero. Como sintetizam Patricia Hill Collins e Sirma Bilge:

Medir a desigualdade econômica por dados sobre famílias, e não sobre indivíduos, ajuda a documentar a disparidade de riqueza entre famílias com diferenças raciais e explicita a situação de famílias chefiadas por mulheres solteiras de todas as raças. Análises interseccionais mostram como a estrutura da disparidade de desigualdade é, simultaneamente, racializada e orientada por gênero. (Hill Collins; Bilge, 2020, p. 36)

À luz desse panorama, comprehende-se que a multiplicidade de experiências femininas representadas nos contos de *Insubmissas lágrimas de mulheres* dialoga diretamente com os debates contemporâneos em torno do conceito de “mulher”. Embora os contos retomem a tônica da segunda onda – a irmandade entre mulheres frente às opressões comuns –, as narrativas também evidenciam as diferenças que singularizam cada vivência feminina.

A escrita de Conceição Evaristo, portanto, não dissolve a categoria mulher em um conceito abstrato ou inalcançável. Ao contrário, a aciona constantemente, de forma renovada, em sintonia com as propostas de Linda Nicholson (2000) e com a perspectiva interseccional do feminismo contemporâneo. Propomos, assim, que a categoria “mulher” – e, de modo especial, “mulher negra” – em *Insubmissas* é sustentada por um conceito de aliança política, no qual afro-brasileiras de diferentes contextos se unem em defesa de subjetividades femininas múltiplas, porém coerentes entre si.

3 Figurações do coletivo mulher negra na literatura nacional

Para identificar as dimensões coletivas e individuais em *Insubmissas lágrimas de mulheres*, é relevante considerar como a obra se insere na tensão entre literatura canônica e literaturas menores. Conceição Evaristo afirma reiteradamente sua escrita como parte de um projeto de matriz afrodescendente, posicionamento compartilhado por diversos estudiosos que a inserem no campo da literatura afro-brasileira.

Esse pertencimento nos leva a refletir tanto sobre as condições de produção e recepção da obra quanto sobre a concepção de mulher formulada em *Insubmissas*. Para compreender os contornos coletivos ali delineados, é necessário antes entender as demandas que impulsionaram uma literatura afro-orientada no Brasil e os impactos sociopolíticos de sua legitimação.

⁶ No original: “Certainly there are very real differences between us of race, age and sex. But it is not those differences between us that are separating us. It is rather our refusal to recognize those differences, and to examine the distortions which result from our misnaming them and their effects upon human behavior and expectation.”

Desde o período colonial, a cultura negra foi marginalizada, reforçando a noção de superioridade europeia. No século XIX, tanto a literatura quanto o pensamento científico colaboraram com esse apagamento: José de Alencar excluiu o negro da formação da identidade nacional, enquanto Nina Rodrigues associava a mestiçagem à degeneração racial (Nina Rodrigues, 1938). Já Gilberto Freyre reformulou a narrativa ao valorizar a miscigenação como fundamento da identidade brasileira em *Casa-Grande & Senzala* (1980), difundindo o mito da democracia racial. No entanto, como destaca Elisa Larkin Nascimento (2003), essa visão romantizada disfarça desigualdades estruturais e perpetua estereótipos racializados, como o da mulata hipersexualizada, recorrente na literatura e na cultura nacional.

Essas desigualdades persistem e são confirmadas por dados contemporâneos. De acordo com o Relatório de 2024 do Observatório Brasileiro das Desigualdades, 12,5% das mulheres negras enfrentam insegurança alimentar moderada ou grave. Seu salário médio equivale a apenas 42% do que recebe um homem não negro, e sua taxa de desemprego é mais que o dobro em relação a esse mesmo grupo: 11,5%, contra 5,2%.

Esse cenário exige mobilização contínua em favor de uma coletividade feminina negra, sendo a valorização de narrativas negras e o acesso à educação fundamentais para a construção dessa consciência. A literatura afro-brasileira constitui um dos principais espaços para tal articulação. Segundo Duarte (2011), suas marcas distintivas incluem:

uma voz autoral afrodescendente, explícita ou não no discurso; temas afro-brasileiros; construções linguísticas marcadas por uma afro-brasileidade de tom, ritmo, sintaxe ou sentido; um projeto de transitividade discursiva, explícito ou não, com vistas ao universo recepcional; mas, sobretudo, um ponto de vista ou lugar de enunciação política e culturalmente identificado à afrodescendência, como fim e começo. (Duarte, 2011, p. 385)

Como espaço de resistência, essa literatura ressignifica a memória histórica e visibiliza subjetividades marginalizadas, enfrentando a exclusão do negro no imaginário nacional. Nesse contexto, destaca-se a noção de *escrevivência*, formulada por Conceição Evaristo, em que a vida de sujeitos negros serve de base narrativa e responde literariamente ao silenciamento histórico que os atingiu.

A obra de Evaristo expressa uma motivação política profundamente ligada à sua biografia. Para a autora, afirmar sua voz autoral é não apenas inevitável, mas essencial àqueles que escrevem fora do cânone. Como afirma em entrevista a Eduardo de Assis Duarte:

O ponto de vista que atravessa o texto e que o texto sustenta é gerado por alguém. Alguém que é o sujeito autoral, criador/a da obra, o sujeito da criação do texto. E, nesse sentido, afirmo que quando escrevo sou eu, Conceição Evaristo, eu-sujeito a criar um texto e que não me desvencilho de minha condição de cidadã brasileira, negra, mulher, viúva, professora, oriunda das classes populares, mãe de uma especial menina, Ainá etc., condições essas que influenciam na criação de personagens, enredos ou opções de linguagem a partir de uma história, de uma experiência pessoal que é intransferível. Asseguro que a minha condição étnica e de gênero, ainda acrescida de outras marcas identitárias, me permite uma experiência diferenciada do homem branco, da mulher branca e mesmo do homem negro. (Evaristo, 2011a, p. 115)

Ao incorporar experiências ligadas aos grupos que representa, Evaristo contribui para a constituição de uma consciência negra e afirma um posicionamento político frente às limitações impostas tanto pelo mercado editorial quanto pelo olhar excludente da literatura tradicional.

No caso de autoras negras, sujeitas ao duplo silenciamento de raça e gênero, a legitimação de uma literatura afrodescendente torna-se ainda mais urgente. Historicamente retratadas sob perspectivas masculinas e brancas, essas mulheres ao inscreverem-se na literatura retomam a agência sobre seus corpos e identidades. Como afirma Pereira (2010): “[...] a retomada da gestão do próprio corpo, salvaguardando-o como mediador na reconstrução das identidades das mulheres afrodescendentes ou não [...]” (Pereira, 2010, p. 337–338).

Assim, a subjetividade feminina negra, embora nascida de um processo criativo, passa a ser também esculpida por quem vivencia diretamente o peso do racismo e do patriarcado. Como conclui Evaristo:

o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento, ou melhor, se inscreve no movimento a que abriga todas as nossas lutas. (Evaristo, 2005, p. 54)

4 O(s) feminino(s) negro(s) em *Insubmissas*

No gesto de recontar a trajetória de um coletivo historicamente silenciado, Conceição Evaristo dedica atenção especial à linguagem e à evocação de elementos culturais afrodescendentes. Em um contexto em que a hegemonia ocidental, representada pela cultura escrita, se impõe sobre o Oriente e, em especial, sobre culturas ágrafas africanas (Gonçalves, 2010), remeter à literatura oral torna-se também uma política de inclusão.

A contação de histórias é prática central em muitas culturas africanas. A figura do griot não apenas transmite saberes, encantos e crenças acumuladas por um povo, mas também representa um mecanismo de resistência à supremacia letrada ocidental, sintetizada pelo provérbio latino: *Verba volant, scripta manent*.

Assim, manifestações culturais que buscam representar a memória afrodescendente não podem prescindir da oralidade, entendida como prática cultural afro-diaspórica e forma de resistência.

Em *Insubmissas lágrimas de mulheres*, a vivência das mulheres negras vai além da simples menção a episódios de opressão. Há, sobretudo, a valorização da narrativa oral como símbolo da memória coletiva. Como sugere o preâmbulo da antologia, as treze histórias resultam do trabalho de uma narradora que, ao coletar vivências e fundi-las pela ficção, transforma-as em ensinamento.

Esse processo criativo, profundamente social e político, demanda atenção ao papel da memória nas escritas de minorias. Ao remeter-se à experiência afrodescendente, Evaristo não apenas adere a um nicho literário ou estimula a consciência de grupo entre leitores negros. Seus textos configuram um esforço ativo na consolidação de uma identidade afro-brasileira.

A esse respeito, cabe recuperar os estudos sobre memória cultural. Segundo Michael Pollak (1992), a memória é tanto individual quanto social. Ainda que derivada de experiências pessoais, ela incorpora episódios herdados, transmitidos por gerações, e torna-se essencial para a constituição da identidade.

Para grupos que tiveram sua cultura negada, a manutenção da memória é vital. Na literatura brasileira, escritores de minorias sociais frequentemente registram suas reminiscências ficcionalmente. No caso de Evaristo, escrever significa ocupar um lugar de enunciação, revelar vivências e tornar visíveis camadas sociais ignoradas pela literatura hegemônica.

Além da memória étnico-racial, Evaristo constrói uma memória de gênero. Ao convocar lembranças de dois grupos historicamente marginalizados – mulheres e negros –, a autora propaga o que Pollak chama de “memórias subterrâneas”: experiências consideradas incomunicáveis, oriundas de culturas não letradas e marginalizadas.

Em *Insubmissas lágrimas de mulheres*, há a construção do sujeito coletivo “mulheres”. Já o título sugere coesão grupal, reiterada pela narradora que, solidária às protagonistas, revela uma empatia gerada por vivências comuns e pelas dores compartilhadas.

A obra se edifica, assim, na incorporação e ressignificação de elementos da cultura negra e da experiência feminina, traçando uma memória coletiva e individual. As treze narrativas encenam e constroem um corpo-mulher, ao mesmo tempo singular e múltiplo, delineado pelas dores impostas a mulheres “reais” (Hekman, 1998, p. 69).

Um dos contos mais emblemáticos desse projeto coletivo é “Natalina Soledad”. Nascida única mulher entre seis irmãos, Troçoleia Malvina Silveira carrega no nome o desprezo do pai, que associa virilidade à reprodução de herdeiros homens. Rejeitada pela família, Troçoleia busca na solidão e na rejeição o impulso para reinventar-se. Seu propósito: criar um novo nome, libertar-se do que lhe foi imposto.

Porém, para “se rebatizar, antes era preciso esgotar, acabar, triturar aquele nome.” (Evaristo, 2011b, p. 23). Após anos de espera, sofrimento e negação do amor, ela se autonomeia Natalina Soledad – nascida sozinha, como tantas outras mulheres. A metáfora é potente: mulheres são também concebidas discursivamente e muitas vezes precisam nomear a si mesmas.

A rejeição ao feminino aparece também em outros contos, ampliando a compreensão de “mulher”. Em “Adelha Santana Limoeiro”, o corpo feminino idoso é estigmatizado não por sua sexualidade ativa, mas por seu “descompasso” com padrões de juventude.

Adelha, mesmo ciente da idade, ainda deseja o companheiro. Quando ele falha sexualmente, ela assume a culpa, permitindo que ele busque prazer em corpos mais jovens. Apesar da dor, encontra dignidade na velhice, recusando a ilusão de um vigor perdido. Ao contrário do marido – que morre buscando reafirmar a virilidade –, ela escolhe viver plenamente sua velhice (Evaristo, 2011b, p. 36).

A antologia também aborda a rejeição social à homossexualidade, como em “Isaltina Campo Belo”. Desde a infância, Isaltina sente-se deslocada das convenções de gênero. Acredita ser um menino aprisionado em corpo de menina:

Eu me sentia menino e me angustiava com o fato de ninguém perceber. Tinham me dado um nome errado, me tratavam de modo errado, me vestiam de maneira errada... Estavam todos enganados. Eu era um menino. [...] E esse menino crescerá comigo, assim como cresceram os meus seios. (Evaristo, 2011b, p. 50; 55)

Ao tentar corresponder às expectativas heterossexuais, envolve-se com um colega de faculdade. Confessa a ele seu desejo por mulheres, mas ouve que “ele a faria mulher” e que despertaria nela o fogo supostamente inerente às mulheres negras. Em um episódio de violência, é estuprada por ele e outros cinco homens. Da agressão, nasce Walquíria e, com ela, a dúvida sobre sua identidade feminina: seria ser mulher uma imposição masculina?

Essa incerteza se desfaz em uma reunião na escola da filha. O olhar de uma professora desperta nela um desejo há muito silenciado. Nesse instante, Isaltina comprehende que sua identidade feminina não precisa ser validada pela heterossexualidade:

Na primeira reunião do jardim de infância, em que matriculei Walquíria, naquele momento, apreendi não só as orientações que a professora transmitia às mães das crianças, mas também o olhar insistente da moça em minha direção. E foi então que o menino que habitava em mim reapareceu crescido. Voltei à minha infância, imagens embaralhadas se interpunham entre mim e a moça. Minha mãe, meu pai, a operação de apendicite, a menstruação de minha irmã a escorrer pela perna abaixo, a minha logo depois, nós duas ouvindo várias vezes os ensinamentos de como deviam se comportar as mocinhas e meu irmão subindo em árvores com o consentimento de minha mãe... Nesse emaranhado de lembranças, lá estavam o meu corpo-mulher, a cena do estupro, minha filha nascendo. E, de repente, uma constatação que me apaziguou. Não havia um menino em mim, não havia nenhum homem dentro de mim. Eu, até então, encarava o estupro como um castigo merecido, por não me sentir seduzida por homens. Naquele momento, sob o olhar daquela moça, me dei permissão pela primeira vez. Sim, eu poderia me encantar por alguém e esse alguém podia ser uma mulher. Eu podia desejar a minha semelhante, tanto quanto outras semelhantes minhas desejam o homem. **E foi então que eu me entendi mulher, igual a todas e diferente de todas que ali estavam.** (Evaristo, 2011b, p. 57-58, grifo nosso)

Esse trecho evidencia a convergência entre o debate feminista contemporâneo e a escrita de Evaristo. Ao mesmo tempo que constrói um corpo coletivo e político, a autora acolhe a diversidade de experiências e identidades femininas. Em sua obra, o corpo-mulher é um “mapa de semelhanças e diferenças” (Nicholson, 2000, p. 37), traçado pela memória, pelo desejo e pela resistência.

Além das vivências de marginalização, *Insubmissas* também elege a maternidade como um dos eixos centrais na constituição de seu coletivo feminino e negro. A representação desse signo distancia-se da velha noção de instinto materno – embora cada vez mais questionada, ainda presente no imaginário ocidental. A escolha narrativa de Evaristo alinha-se a uma reflexão mais ampla sobre o papel da maternidade na construção das identidades femininas, especialmente no contexto das mulheres negras.

Como enfatiza Nancy Chodorow (1999), a maternidade é “um dos poucos elementos universais e persistentes da divisão sexual do trabalho” (p. 3, tradução nossa),⁷ sendo, portanto, fundamental para entender a definição contemporânea de mulher.

Na contramão da idealização materna, as personagens de *Insubmissas lágrimas de mulheres* apresentam uma visão renovada da maternidade. Em “Aramides Florença”, destaca-se a figura da gestante que admira a si própria, contemplando-se “narcisicamente [...]”, ine-

⁷ No original: “Women’s mothering is one of the few universal and enduring elements of the sexual division of labor”.

briada com a mudança do próprio corpo" (Evaristo, 2011b, p.15). Aqui, a maternidade é também sinônimo de bravura: o marido, embora tido como corajoso, recusa-se a assistir ao parto (p. 16).

Vale notar que Aramides sofre um estupro conjugal pouco tempo após dar à luz. Mesmo nessa cena de violência, a maternidade aparece como resistência, quando, em meio ao ataque, ela protege um dos seios, fonte de alimentação de seu filho:

Numa sucessão de gestos violentos, ele me jogou sobre a cama, rasgando as minhas roupas e tocando violentamente com a boca um dos meus seios que já estava descoberto, no ato de amamentação de meu filho. [...] Do outro seio, o que ele não havia tocado, pois defensivamente eu conseguia cobrir com parte do lençol, eu sentia o leite irromper. (Evaristo, 2011b, p. 18)

De modo semelhante, em "Shirley Paixão", o mal também é personificado na figura paterna. A ausência do pai garante uma educação mais afetiva para os filhos. A maternidade surge como um aprendizado coletivo: Seni, filha mais velha, cuida das irmãs como uma preparação para a experiência maternal – prática comum nas relações mãe-filha, conforme observa Chodorow:

As mulheres, enquanto mães, produzem filhas com capacidades maternais e com o desejo de tornarem-se mães. Essas competências e necessidades são construídas e desenvolvidas por meio da própria relação entre mãe e filha. Em contrapartida, as mulheres enquanto mães (e os homens enquanto não mães) produzem filhos cujas capacidades e necessidades de nutrir têm sido sistematicamente podadas e reprimidas. (Chodorow, 1999, p. 7)⁸

Esse olhar coeso e otimista sobre a maternidade reaparece em "Lia Gabriel". Vítima de violência doméstica e mãe de um menino com esquizofrenia, Lia evoca na narradora memórias de outras mães da antologia, reafirmando o adágio: "ser mãe é padecer no paraíso". As experiências – diretas ou indiretas – da maternidade revelam um sofrimento compartilhado entre mulheres, sejam mães ou filhas:

Enquanto Lia Gabriel me narrava a história dela, a lembrança de Aramides Florença se intrometeu entre nós duas. Não só a de Aramides, mas as de várias outras mulheres se confundiram em minha mente. Por breve instante, me veio também a imagem da Mater Dolorosa e do filho de Deus pregado na cruz, ficções bíblicas, a significar a fé de muitos. Outras deusas, mulheres salvadoras, procurando se desvincilar da cruz, avultaram em minha memória. Aramides, Lia, Shirley, Isaltina, Daluz e mais outras que desfiavam as contas de um infinito rosário de dor. E depois, elas mesmas, a partir de seus corpos mulheres, concebem a sua própria ressurreição e persistem vivendo. (Evaristo, 2011b, p. 81)

⁸ No original: Women, as mothers, produce daughters with mothering capacities and the desire to mother. These capacities and needs are built into and grow out of the mother-daughter relationship itself. By contrast, women as mothers (and men as not-mothers) produce sons whose nurturant capacities and needs have been systematically curtailed and repressed.

Cabe notar, no entanto, que essas representações da maternidade não aparecem de forma isolada em *Insubmissas*. Evaristo valida o conceito de “mulher” não apenas pela experiência da maternidade idealizada, mas também ao expor suas contradições.

A protagonista de “Isaltina Campo Belo”, por exemplo, torna-se mãe após ser estuprada por cinco homens. Homossexual, solteira e vítima de violência, Isaltina foge completamente do estereótipo materno. Ainda assim, cultiva amor incondicional pela filha: “Walquíria se fez sozinha em mim. Pai sempre foi um nome impronunciável para ela. Dentre cinco homens, de quem seria a paternidade construída sob o signo da violência?” (Evaristo, 2011b, p. 56).

Aqui, Evaristo sugere uma outra gênese para o amor materno, que independe de orientação sexual ou de condições ideais. Isaltina vivencia, no corpo e na alma, a maternidade como experiência possível e digna.

Outra figura materna não convencional é a protagonista de “Mirtes Aparecida Daluz”. Cega e grávida, ela desafia o ideal iluminista de mãe protetora e autossuficiente. A narradora e até o marido da personagem duvidam de sua aptidão:

— Talvez, meu companheiro tenha sido vítima de uma angustiante imaginação. Enquanto eu aguardava pela criança, engravidada pela alegria de estar me tornando mãe, ele não. Um confuso e angustiante sentimento de paternidade de um filho, que ele não sabia como poderia ser, estaria sendo vivido por ele. [...] Como seria a nossa criança? O que ela herdaria da mãe? (Evaristo, 2011b, p. 71)

Daluz, contudo, reafirma sua capacidade de cuidar, questionando as noções capacistas de maternidade. Sua representação articula-se com a ideia de deficiência como construção social (Mello; Nuernberg, 2012), legitimando o direito sexual e reprodutivo das pessoas com deficiência.

Em “Mary Benedita”, o obstáculo à maternidade é o estilo de vida independente de Aurora, tia da protagonista. Solteira, estudada e morando sozinha, Aurora é rejeitada pela família e vista como má influência. Ao questionar se poderia morar junto da tia que tanto admirava, Benedita recebe um retorno incompreensível:

A resposta foi, que talvez, os meus pais pensassem que ela seria a pessoa menos indicada para cuidar de uma mocinha. Não entendi. Na minha inocência, eu nem imaginava qual conceito a família tinha dessa minha tia. Uma mulher solteira, estudada, que morava sozinha na capital. (Evaristo, 2011b, p. 63)

Contudo, é com essa “ovelha desgarrada” que Mary Benedita aprende a viver. Inspirada por Aurora, a jovem rejeita o ideal de submissão feminina, conforme antecipado por Virginia Woolf, ao buscar ter “um teto todo seu” e decidir seu próprio destino: “A vontade tinha que ser minha. Tratava-se de *ma vie*, de *mon avenir*.” (Evaristo, 2011b, p. 65)

Entretanto, talvez o conto que mais radicalmente conteste os pressupostos da maternidade seja “Saura Benevides Amarantino”. Mãe de três filhos, Saura rejeita a filha caçula, concebida após a morte do marido. O desprezo nasce da culpa por ter “traído” o marido com um breve romance:

Queria esquecer a filha que eu não havia concebido, nem antes e muito menos nos momentos após o parto [...]. Ninguém entendia que eu odiava aquela menina.

No ato de amamentá-la, eu sempre desejava que o meu leite fosse um mortal veneno. (Evaristo, 2011b, p. 103-104)

Afastando-se da criança ainda em seus primeiros meses de vida, Saura causará horror em seus familiares e conhecidos, confirmando assim o princípio de que “vemos sempre como uma aberração, ou um escândalo, a mãe que não ama seu filho [...] [e de que] no fundo de nós mesmos, repugna-nos pensar que o amor materno não é indefectível.” (Badinter, 1985, p. 22).

Alheia a tais reprimendas, a personagem central seguirá, mesmo após se tornar avó, firme no papel de “mãe desnaturada”, aos olhos externos, mantendo viva a repulsa direcionada à última filha. Repulsa essa que, concomitante ao amor imenso que Saura devota aos seus dois primeiros filhos, caracteriza *Insubmissas* como espaço em que se questionam as pedras que se querem inamovíveis na complexa estruturação do sujeito mulher:

Dizem que, do amor de mãe, nada sei. Engano de todos. Do amor de mãe, sei. Sei não só da acolhida dos filhos, que uma mãe é capaz, mas também do desprezo que ela pode oferecer.

Já me perguntaram se eu tenho remorsos em relação a essa criança que desprezei. Não. Não tenho. E não consigo inventar um sentimento em mim, só para me salvar dos julgamentos alheios. (Evaristo, 2011b, p. 99; 104)

Considerações finais

No ensaio intitulado “Da representação à auto-representação da mulher negra na literatura brasileira”, Conceição Evaristo conceitua a literatura como um espaço em que vigora “um discurso que insiste em proclamar, em instituir uma diferença negativa para a mulher negra” (2005, p. 52). A negatividade dessa representação, explica a autora, consiste em manter vivas as cores das pinturas que retratam as nuances de um passado escravocrata. Nessas imagens remotas, que ainda ecoam nos flashes da atmosfera hodierna, a afrodescendente é quase sempre traduzida como “corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor” (Evaristo, 2005, p. 52).

Atenta a esse movimento de conversão da alteridade em negatividade, a autora de *Insubmissas lágrimas de mulheres* propõe, em sua antologia, uma via sensivelmente oposta. A resistência é o principal fator empregado por Evaristo para constituir uma ótica positiva da diferença inscrita nos corpos femininos e negros. Muitas das personagens, ao se depararem com imposições racistas e sexistas, arriscam-se em uma luta diária e solitária pela dignidade. Marcadas pelos dissabores de uma história que se projeta no presente e impulsionadas pelo desejo de um futuro melhor, essas mulheres condicionam seus corpos e mentes ao extenuante caminhar da subsistência.

O resistir, edificado como pedra angular da diferença afro-feminina, não é, todavia, apresentado de forma ingênuo ao longo de *Insubmissas*. Ressoando as advertências de bell hooks (1990) sobre a romantização da agência negra, os enredos da antologia refletem a noção de que “ser forte perante a opressão não é o mesmo que superá-la” (hooks, 1990, p.

6, tradução nossa).⁹ As vitórias momentâneas narradas pela maioria das personagens – ou mesmo aquelas conquistas duradouras – carregam consigo a sutil e persistente sombra da opressão. Mesmo nos episódios em que as protagonistas se rebelam e deixam para trás seus homens e dominadores, as narrativas aludem aos abusos vivenciados por esses mesmos opressores enquanto afrodescendentes: “não se sabe como a sociedade opriime o marido de Aramides e de Shirley Paixão, somente podemos assegurar que a opressão faz parte da vida de toda uma população negra” (Pereira, 2012, p. 4).

Certamente, ao privilegiar a realidade negra com o intuito de retratar as insubmissas lágrimas de mulheres que nomeiam sua antologia, Conceição Evaristo não fixa uma visão segregacionista da experiência feminina. Embora defende que sua perspectiva é inevitável e propositalmente afro-orientada, a autora não propõe, em momento algum, que a vivência da mulher negra deva ser apartada daquelas de suas irmãs de gênero. No título do livro, tanto a insubmissão quanto as lágrimas pertencem às mulheres como um todo. E, embora os enredos afirmem as especificidades que singularizam cada grupo feminino, eles também evidenciam que “as mulheres não precisam erradicar a diferença, a fim de se tornarem solidárias” (hooks, 1984, p. 65, tradução nossa).¹⁰

Unidade não é o mesmo que homogeneidade, sentencia Audre Lorde. A mesma pensadora nos ensina que o reconhecimento das diferenças entre nós, mulheres, é primordial para “enriquecermos nossas perspectivas e nossos esforços conjuntos” (Lorde, 1984, p. 122, tradução nossa).¹¹ Unidade não é antônimo de diferença, mostram as mulheres de *Insubmissas lágrimas*. Casadas e solteiras; inseridas nos halls da academia ou semialfabetizadas; crianças, jovens e idosas; felizes no amor ou vítimas das relações de poder instauradas nos laços matrimoniais; hetero e homossexuais; dentro ou fora dos padrões estipulados para o corpo feminino; mães, madrastas ou estéreis – os sujeitos que atravessam esses inúmeros eixos de subalternidade, ao longo da antologia, identificam no gênero um dos principais instrumentos que os define, tanto em sua origem quanto em seu destino.

A diferença não é um obstáculo à identidade. Pode-se afirmar que, sob a pena autoral de Conceição Evaristo, a identidade entre as sucessoras de Eva funda-se justamente por meio de suas relações de alteridade. Da alteridade identificada por Evaristo não emerge a cisão no interior do mesmo sexo, mas a urgência por práticas de solidariedade. As diferenças entre as mulheres são inúmeras, mas também incontáveis são as lutas que compartilham. A diferença não inviabiliza a unidade das protagonistas de *Insubmissas* com outras personagens femininas, com a narradora que lhes reconstrói as histórias, com a autora que as concebe e, ainda, com aquelas que as recriam no ato vivo da leitura.

Assim, sob o olhar de todas as narrativas analisadas, é possível esboçar uma compreensão da categoria *mulher*, conforme pensada por Conceição Evaristo: a identidade emerge da diferença, e é a partir dela que se inaugura a unidade entre aquelas que, sob a égide da natureza e da cultura, foram designadas como mulheres.

⁹ No original: “to be strong in the face of oppression is not the same of overcoming oppression”.

¹⁰ No original: “Women do not need to eradicate difference in order to feel solidarity”.

¹¹ “[...] to enrich our visions and our joint struggles”.

Referências

- BADINTER, Elisabeth. *Um Amor Conquistado*: o mito do amor materno. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- CHODOROW, Nancy. *The reproduction of mothering*. Psychoanalysis and the sociology of gender. Berkeley: University of California Press, 1999.
- COLLINS, Patricia Hill. The Social Construction of Black Feminist Thought. *Signs: Common Grounds and Crossroads: Race, Ethnicity, and Class in Women's Lives*, Chicago, v. 14, n. 4, p. 745-770, Summer, 1989. DOI: <https://doi.org/10.1086/494543>.
- COLLINS, Patricia Hills; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Rio de Janeiro: Boitempo Editorial, 2020.
- COSTA, Cláudia de Lima. O sujeito no feminismo: revisitando os debates. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 19, p. 68-90, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332002000200004>.
- DUARTE, Eduardo Assis; FONSECA, Maria Nazaré (orgs.) *Literatura e afrodescendência no Brasil*: antologia crítica. Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-representação da mulher negra na literatura brasileira. *Revista Palmares: cultura afro-brasileira*, Brasília, ano 1, n. 1, p. 52-57, Ago., 2005. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/mídias/arquivos/revistas/revista01.pdf> Acesso em: 08/06./25.
- EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo. In: DUARTE, Eduardo Assis (org.) *Literatura e afrodescendência no Brasil*: antologia crítica. Belo Horizonte: UFMG, 2011a, p. 103-116. Entrevista de Conceição Evaristo concedida a Eduardo Assis Duarte.
- EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011b.
- GONÇALVES, Anamélia Fernandes. *Corpos transfigurados*: representações do corpo na ficção de Paulina Chiziane. 2010. 109 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2010.
- HEKMAN, Susan. Material bodies. In: WELTON, Donn. (org.). *Body and the Flesh*: a philosophical reader. Malden/Oxford: Blackwell Publishers, 1998. p. 61-70.
- HOOKS, bell. Sisterhood: political solidarity between women. In: *Feminist Theory*: from margin to center. New York: South End Press, 1984. p. 43-65.
- HOOKS, bell *Ain't I a woman*: black women and feminism. London: Pluto Press, 1990.
- LORDE, Audre. Age, Race, Class and Sex: Women Redefining Difference. In: LORDE, Audre. *Sister Outsider*: Essays and Speeches. Freedom, CA: Crossing Press, 1984. p. 114-123.
- MELLO, Anahi Guedes de; NUENBERG, Adriano Henrique. Gênero e deficiência: interseções e perspectivas. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 20, n. 3, p. 635-655, set.-dez., 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000300003>.
- NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Revista Estudos Feministas*, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ref/v08n02/v08n02a02.pdf> Acesso em: 08 jun. 2025.
- NINA RODRIGUES, Raimundo. *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*. 4 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

PACTO NACIONAL PELO COMBATE ÀS DESIGUALDADES. (2024). *Relatório do Observatório Brasileiro das Desigualdades 2024*. Disponível em: <https://combateasdesigualdades.org/observatorio-brasileiro-das-desigualdades/>. Acesso em: 22 set. 2024.

PEREIRA, Edmilson de Almeida. Territórios cruzados. In: PEREIRA, Edmilson de Almeida; JÚNIOR, Robert Daibert (orgs.). *Depois, o atlântico: modos de pensar, crer e narrar na diáspora africana*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010.

PISCITELLI, Adriana. Reflexões em torno de gênero e feminismo. In: LIMA COSTA, Claudia; PREIRA SCHMIDT, Simone. (org.). *Poéticas e políticas feministas*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004. p. 43-67.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 202-212, 1992. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1941/1080> Acesso em: 08 jun. 2025.

RICHARD, Nelly. Feminismo, experiencia y representación. *Revista Iberoamericana*, v. 62, n. 176-177, p. 733-744, julio-diciembre, 1996. DOI: <https://doi.org/10.5195/reviberoamer.1996.6256>.

RUBIN, Gayle. *O tráfico de mulheres*: notas sobre a “economia política” do sexo. Trad. Christiane Rufino Dabat, Edileusa da Rocha, Sonia Corrêa. Recife: SOS Corpo, 1993.

SAFFIOTI, Heleith. A Ontogênese do Gênero. In: STEVENS, Cristina Maria Teixeira; SWAIN, Tânia Navarro (orgs.). *A Construção dos Corpos. Perspectivas feministas*. Florianópolis: Mulheres, 2008. p. 149-181.

SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. Trad. Christine Rufino Dabat, *Educação & Realidade*, [S. l.], v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacao-realidade/article/view/71721>. Acesso em: 09 jun. 2025.

TRUTH, Sojourner. *Ain't I a Woman?*. Women's Convention, Akron, Ohio, 1851. Disponível em: <https://www.nps.gov/articles/sojourner-truth.htm>. Acesso em: 09 jun. 2025.